

Já não se morre mais como em outros tempos:

transformações da morte e de seus rituais nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul

One no longer dies like in the past. Transformations of death and its rituals in the german colonies of Rio Grande do Sul



BLUME, Sandro. *Morte e morrer nas colônias alemãs o Rio Grande do Sul*. Recortes do cotidiano. São Leopoldo: Oikos Editora, 2015, 292p.

A afirmação de Blume de que “já não se morre mais como em outros tempos” (p. 261), contida nas últimas páginas de sua obra, expressa fortemente as preocupações e os imaginários contemporâneos daqueles que vivem em cidades de colonização alemã no Rio Grande do Sul. Em *Morte e morrer nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul*. Recortes do cotidiano, fruto de uma dissertação de Mestrado defendida em 2010 e publicada como livro em 2015, o autor procura refletir sobre as fraturas e as continuidades do tempo das memórias e dos rituais de enterramento daqueles que migraram e se enraizaram longe de suas origens.

O livro aborda as colônias alemãs do Vale do Rio dos Sinos, Taquari, Caí e a região da encosta da Serra, numa narrativa que fascina o leitor por não ficar presa a um recorte temporal muito específico ou preciso. Mesmo apontando para o período que vai de 1848 até 1937, existe uma preocupação de Blume em situar o leitor nas ocorrências do presente, seja de quem visita hoje um cemitério luterano ou católico, de quem participou de uma cerimônia fúnebre desses grupos cristãos ou, ainda, de quem pesquisa o processo do luto nas regiões enfocadas. Nesse sentido, Blume foi muito feliz ao trabalhar as transformações da representação da morte e de seus

* Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia-MG (UFU), Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas-RS e ordenado pastor pelo Seminário Luterano Concórdia, São Leopoldo-RS. Atua como pastor na Paróquia Evangélica Luterana São João de Canguçu-RS, filiada à Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). CV: <http://lattes.cnpq.br/0642108932487415>



rituais, não se prendendo a marcos temporais datados, provocando, assim, um interessante ponto de encontro entre os leitores de diferentes gerações de descendentes daqueles imigrantes. Em suas páginas percorremos dois séculos, sem perder de vista o presente.

Se se pode falar de um referencial temporal na obra, este é o da chegada dos padres Augustin Lapinski e Johann Sedlac, em 1848, na região sulina de colonização alemã, para atuarem junto aos moradores das cidades de Dois Irmãos e São José do Hortêncio, como também da vinda do reverendo Hermann Borchard, para as funções pastorais entre os colonos evangélico-luteranos na Província de São Pedro Rio Grande do Sul. Sobre essas missões pastorais, é importante ressaltar que o reverendo Hermann Borchard não foi o primeiro pastor evangélico-luterano a chegar naquela Província. De 1824 até 1864 vieram ao Brasil cerca de 20 pastores, sendo que ao Rio Grande do Sul chegaram apenas seis ordenados. A importância do reverendo Hermann Borchard nesse cenário se dá em função da sua liderança na tentativa de organizar as comunidades evangélico-luteranas como sínodo. Com a sua chegada, o luteranismo começa a se organizar na Província de São Pedro, não só porque ele era um pastor com formação teológica, mas sobretudo pelo fato de que mantinha um bom relacionamento com Friedrich Gotthard Karl Ernst Fabri, diretor da "Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América do Norte" (SEAPA). Com base em diversos contatos entre Borchard e Fabri foi criado o "Comitê para os Alemães Protestantes no Sul do Brasil" (CAPSB), provavelmente em dezembro de 1864. Isso deu o impulso necessário para o envio de diversos missionários. Entre os anos de 1864 e 1886 foram enviados ao Rio Grande do Sul 23 missionários de diversas regiões da Alemanha (Hess, 1986, p. 5-20; Dreher, 1986, p. 23-340).

Sandro Blume não apenas analisa o período que se inicia com o significativo ano de 1824, quando da chegada dos primeiros imigrantes à região de São Leopoldo, como também problematiza as fontes documentais, muitas das quais em língua alemã, na busca por entender quais eram as experiências ou as concepções da morte e do morrer desses colonizadores oriundos de várias regiões germânicas, católicos, ou pertencentes às mais variadas formas do protestantismo (Steyer, 1999, p. 19-39; Wachholz, 2004, p. 87-109).

A narrativa estende-se até 1937, início do período do Estado Novo varguista, que proibiu a comunicação falada e escrita de outro idioma que não o português. Essa violenta censura terminou por modificar os costumes fúnebres dos brasileiros descendentes de imigrantes alemães. Como observa Blume:

No Cemitério Evangélico de Araricá encontramos a lápide da Sra. Wilhemine Sch nardie, nascida Müller, falecida em 21.03.1930, com as inscrições em alemão gótico "Hier ruht", que significa "Aqui descansa". Já na lápide ao lado, por ocasião do falecimento do seu esposo, Henrique Jacob Schonnardie, em 12.08.1945, as inscrições foram feitas na língua portuguesa. Nessa lápide o nome "Heinrich" deu lugar a Henrique, o sobrenome passou para Schonnardie, além de constar "Aqui Jaz", substituindo o anteriormente usual "Hier ruht". A diferença de língua em lápides de cônjuges, dos quais um faleceu antes e o outro posteriormente à campanha nacionalizadora, tornou-se um



fenômeno que ocorria com frequência nas colônias alemãs (p. 96).

No intuito de estudar as experiências cotidianas daqueles imigrantes e das primeiras gerações de descendentes teuto-brasileiros, o autor não deixa de focar o quanto esses sujeitos, católicos e evangélico-luteranos, tiveram que se adaptar às práticas já existentes, bem como reformular os costumes trazidos da Europa, diante da necessidade de sepultar seus mortos, num contexto de extrema dificuldade de assistência por clérigos ordenados.

Adotando a metodologia e os pressupostos teórico-conceituais da chamada Nova História Cultural, Blume preocupa-se em perceber as práticas cotidianas e as representações sociais da morte de indivíduos que foram sendo revelados nas mais diversas fontes coletadas. Como afirma o autor, a ideia de trazer essa “história vista de baixo” foi o que permitiu as “costuras” da pesquisa, cujo “fio condutor” (p.17) são as atitudes e cerimônias diante das mais diversas situações, envolvendo a morte entre esses colonos. Nesse sentido, Sandro Blume adota, como ele mesmo nos informa, o repertório conceitual proposto por Roger Chartier, para quem “os objetos culturais seriam produzidos entre práticas e representações, como sujeitos produtores de cultura circulariam entre dois polos, que, de certo modo, corresponderiam respectivamente aos modos de fazer e aos modos de ver” (p. 204).

A obra foi dividida em cinco capítulos. Na primeira parte, como uma introdução, Sandro Blume apresenta a situação religiosa desses imigrantes, uma vez que é impossível dissociar a morte e o morrer da religiosidade dos alemães que chegaram à Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Na segunda parte, descreve como foi o processo de materialização do luto vivido, na história e memória dos colonos, em especial na edificação e preservação dos cemitérios evangélico-luteranos e católicos. O terceiro capítulo traz a análise das fontes escritas sob a forma de cartas, registros eclesiásticos e necrológios, apresentando assim a dor dos enlutados, bem com a exaltação ou estigmatização do falecido, especialmente nos documentos eclesiásticos, que serviam para “disseminar na comunidade os efeitos das verdades produzidas por padres e pastores, através de práticas discursivas de subjetivação” (p. 135). No quarto capítulo, dentro do processo de transformação dessas práticas fúnebres, Blume apresenta a morte extraordinária e os ritos fúnebres sumários, causados especialmente pelo fator epidemia e pela falta de atendimento espiritual logo na chegada dos imigrantes, tanto católicos, como evangélico-luteranos. Nessa parte do trabalho são citadas, ainda que de maneira breve, as mortes dos que não se enquadravam no bem morrer, como as que decorriam do alcoolismo e as resultantes do suicídio. Por fim, a partir de um variado leque de fontes, o último capítulo apresenta as práticas e as representações nas transformações dos ritos fúnebres, tanto na vivência do luto, através dos cantos sacros e populares, como nas fotografias de mortos em velórios e nas lápides, que cumpriam o papel de mediadores sociais e religiosos. Vale lembrar que a fotografia neste período, além de objeto de memória a ser guardado pela família, era também enviada aos parentes que não puderam estar presentes na cerimônia fúnebre, servindo assim como meio de comunicação do luto (p. 258).

Ao longo dos cinco capítulos, Sandro Blume analisa diferentes aspectos sobre a morte e o morrer nessas colônias. O primeira é o caráter pedagógico e catequético das representações



do luto na vida dos imigrantes, católicos ou evangélico-luteranos. Especialmente quando do sepultamento em um cemitério. O ato de ser enterrado em uma necrópole já era um bom indício do legado daquele que havia morrido. Não ser sepultado em cemitério de ambas denominações trazia uma carga simbólica de não pertencimento ao Reino de Deus, como também aos ideais daquela sociedade, “era sinônimo de transgressão profana e de anomalia social nas colônias alemãs” (p.89). Esse conteúdo moralizador era materializado nas sepulturas daqueles que cumpriram com seus deveres sociais e religiosos. O impedimento do enterramento, como no caso dos “mucker” – aqueles que aderiram ao movimento de cunho messiânico (1868-1874) em Morro do Ferrabrás, sob a liderança de Jacobina Maurer – que foram enterrados em uma vala comum, mostra como o cemitério testemunhava nas edificações e na falta delas, entre esses colonizadores, o conceito do bem morrer.

Os cemitérios cumpriam entre os colonos alemães outros dois objetivos: homenagem ao falecido e a sobrevivência na memória dos vivos. Sandro Blume adota a expressão “cultura do luto” para melhor entendimento desses imaginários. As homenagens sob a forma de epitáfios podem ser encontradas em outros cemitérios, mas o autor defende a ideia de que especificamente entre os evangélico-luteranos dessas colônias as lápides serviam para amenizar a saudade e vivenciar o luto, explicando, assim, a razão de uma melhor conservação e preocupação com a estética nos cemitérios desse grupo. Diz o autor que:

É possível ventilar a possibilidade de que a saudade em relação aos seus finados, que já não estão mais inseridos na família, conduza os evangélicos com mais frequência aos cemitérios. Para os católicos, é possível que as missas de sétimo e trigésimo dia e as missas anuais intercedendo pela alma do falecido, bem como o valor da indulgência, sejam prioridade em relação à preservação e manutenção do túmulo no cemitério. Afinal, o morto continua inserido na família (p. 121).

Essa leitura do cemitério, como também das outras fontes, faz do livro um guia para entender a história de parte do catolicismo e do evangélico-luteranismo no Rio Grande do Sul. Um bom exemplo, antes de trabalhar os ritos fúnebres entre esses grupos, é a leitura da organização em sociedades religiosas, especialmente entre os evangélico-luteranos, que, num contexto de isolamento geográfico e também linguístico, tiveram que se organizar em associações tendo como referência a religião. O relato desses sujeitos históricos na chave da nova história cultural, sem triunfalismo, apresenta um olhar sob um passado, não somente pela via da instituição e seus pastores, mas pelos membros que construíram essas comunidades, na segunda metade do século XIX e início do XX, quando o cemitério era tão importante quanto a igreja e a escola.

Pode-se dizer que livro de Blume transita entre dois campos do conhecimento, o da história e o da teologia, pois a pesquisa empreendida é de grande auxílio para a compreensão das doutrinas católica e luterana, no que diz respeito ao entendimento das práticas da fé desses dois grupos cristãos. Orientado pelo Dr. Martin Norberto Dreher, que também é pastor da Igreja



Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, a pesquisa cumpre com um requisito inerente aos estudos da morte e do morrer, que é o da interdisciplinaridade.

Quando o autor afirma, nas páginas finais, que “já não se morre mais como em outros tempos”, está sem dúvida referindo-se às transformações ocorridas e que continuam a ocorrer nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul. Mesmo tendo pesquisado mais de 40 cemitérios, 16 arquivos paroquiais e o Arquivo Público da Cúria Metropolitana de Porto Alegre-RS (AHCMPA), o trabalho aborda um pequeno retalho da grande diversidade regional, religiosa e étnica que existe entre esses imigrantes que se estabeleceram no Rio Grande do Sul. Para além das colônias germânicas estudadas pelo nosso autor, há ainda outras tantas comunidades descendentes de imigrantes a serem exploradas por futuros pesquisadores do tema. Faltam ainda estudos, por exemplo, sobre aquelas que se localizam entre os teuto-russos no norte do Estado e entre os alemães e pomeranos do Sul, onde parte desses descendentes se organizam, ainda hoje, em congregações protestantes independentes (Teichmann, 1996; Fischer, 1986, p. 33-54), tendo práticas distintas das igrejas evangélico-luteranas organizadas como sínodos. A obra certamente servirá ainda de base para estudos que versam sobre rituais fúnebres em temporalidades posteriores, tais como, as abordagens acerca da recente prática da cremação entre católicos e evangélico-luteranos no Brasil (ver em: *Culto Luterano*, 2010, p. 134-137; *Funeral Cristão*, 2010, p. 73-78).

Como as práticas da morte e do morrer são sempre dinâmicas, “Morte e morrer nas colônias alemãs o Rio Grande do Sul. Recortes do cotidiano”, ao focar as mudanças que são próprias dos processos históricos, é um livro que se torna também fonte obrigatória para muitos outros trabalhos, não somente dos que enfocarem as liturgias fúnebres, mas também os que elegerem tratar da história da Igreja, sob o viés da religiosidade popular entre os habitantes das colônias alemãs no Brasil.

Referências Bibliográficas

BLUME, Sandro. *Morte e morrer nas colônias alemãs o Rio Grande do Sul. Recortes do cotidiano*. São Leopoldo: Oikos Editora, 2015. 292p.

Culto Luterano: liturgias e orações. Comissão de Culto da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre: Editora Concórdia, 2010. 221p.

DREHER, Martin N. *História do povo luterano*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2005. 79p.

_____. Hermann Borchard em São Leopoldo. In: *Simpósio de História da Igreja*. São Leopoldo: Rotermund S.A; Editora Sinodal, p. 23-33, 1986.

FISCHER, Joaquim. A luta contra os pastores-colonos no Rio Grande do Sul no século XIX. In:



_____. (org). *Ensaio Luteranos: dos primórdios aos tempos atuais do luteranismo no Brasil*. São Leopoldo: Editora Sinodal, p. 33-52, 1986.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Funeral Cristão: fundamentos e liturgias*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2010. 142p.

HESS, Ulrich. Os Inícios da Formação da Estrutura Eclesiástica no Rio Grande do Sul. In: FISCHER, Joaquim (org). *Ensaio Luteranos: Ensaio Luteranos: dos primórdios aos tempos atuais do luteranismo no Brasil*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1986. p. 5-19.

O programa da Reforma. Escritos de 1520. Trad. Martin N. Dreher. São Leopoldo: Editora Sinodal; Porto Alegre: Editora Concórdia, p. 11-47, 2000.

STEYER, Walter O. *Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o luteranismo: A fundação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e o confronto com o sínodo Rio-Grandense 1900-1904*. Porto Alegre: Editora Singular Ltda, 1999. 168p.

TEICHMANN, Eliseu. *Imigração e Igreja: as comunidades-livres no contexto da estruturação do luteranismo no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: EST, 1996. (Dissertação de Mestrado em Teologia). 179p.

WACHHOLZ, Wilhelm. Luterano? Reformado? Unido? Evangélico! Aspectos Históricos e Teológicos da União Prussiana. In: WACHHOLZ, Wilhelm (org). *Evangelho, Bíblia, escritos confessionais. Anais do II Simpósio Sobre Identidade Evangélico-Luterana*. São Leopoldo: Editora Sinodal, p. 87-109, 2004.

Recebido em: 24 de novembro de 2016

Aprovado em: 20 de junho de 2017

